

BRUNO, Giordano

A ceia de Cinzas

(texto estabelecido por Giovanni Aquilecchia;
introdução de Miguel Ángel Granada; tradução
de Luiz Carlos Bombassaro)

Caxias do Sul, RS: Educs, 2012

LUÍS MIGUEL CAROLINO

Centro InterUniversitário de História das Ciências e da Tecnologia,
Universidade de Lisboa

398

Foi recentemente publicada, pela Editora da Universidade de Caxias do Sul, com o patrocínio do Istituto Italiano per gli Studi Filosofici e do Centro Internazionale di Studi Bruniani "Giovanni Aquilecchia", a tradução em português, por Luiz Carlos Bombassaro, de *La cena de le Ceneri*, de Giordano Bruno, uma obra incontornável da Filosofia, Ciência e cultura do Renascimento. Ainda que isso não deixe, certamente, de causar surpresa ao leitor menos familiarizado com a obra bruniana, *A ceia de Cinzas* não se encontrava traduzida para o idioma de Camões.¹ Estamos, portanto, perante um acontecimento da maior relevância cultural e acadêmica, tanto mais que essa publicação se insere num ambicioso projeto de tradução para o português do conjunto da obra italiana de Giordano Bruno, que se caracteriza pela unidade e organicidade, liderado por Luiz Carlos Bombassaro, professor de Filosofia da Renascença na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especialista e autor de importantes livros sobre a filosofia bruniana,² em colaboração com Nuccio Ordine, outra autoridade do pensamento de Bruno.³ Na verdade, a publicação *A ceia de Cinzas* já é o segundo resultado desse projeto, tendo sido antecedida da tradução e publicação de *Castiçal*.⁴

Tendo como base o texto estabelecido por Giovanni Aquilecchia para a edição crítica e bilingue das *Œuvres complètes de Giordano Bruno*, publicada pela editora Les Belles Lettres, sob a coordenação de Yves Hersant e Nuccio Ordine, e incluindo as detalhadas notas elaboradas para a edição francesa pelo eminente filólogo Giovanni Aquilecchia, a presente edição de *A ceia de Cinzas* (e, certamente, as restantes *Obras italianas* que sairão pelos prelos da Educs)

1 A tradução das obras de Giordano Bruno para o português foi esporádica e ocasional. De fato, antes de Luiz Carlos Bombassaro e Nuccio Ordine assumirem o projeto de tradução integral da *Obra italiana* de Bruno, tinham sido traduzidos apenas, de que tenhamos conhecimento, por ordem cronológica, *Acerca do infinito, do universo e dos mundos* (tradução, notas e bibliografia de Aura Montenegro; introdução de Victor Matos e Sá, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1968); *Sobre o infinito, o universo e os mundos* (tradução de Helda Barraco e Nestor Deola, São Paulo: Abril Cultural, 1973) e *A causa, o princípio e o uno* (tradução de Atilio Cancian, São Paulo: Instituto de Cultura Ítalo-Brasileiro, Nova Stella, 1988).

2 Entre os quais se incluem *Im Schatten der Diana. Die Jagdmetapher im Werk von Giordano Bruno* (Frankfurt am Main: Peter Lang, 2002) e *Giordano Bruno e a Filosofia na Renascença* (Caxias do Sul: Educs, 2007).

3 Deste autor, no Brasil, encontram-se publicados *O umbral da sombra. Literatura, filosofia e pintura em Giordano Bruno* (São Paulo: Perspectiva, 2006) e *A cabala do asno. Asinidade e conhecimento em Giordano Bruno* (Caxias do Sul: Educs, 2008).

4 BRUNO, Giordano. *Castiçal*; introdução de Nuccio Ordine; texto estabelecido por Giovanni Aquilecchia; notas de Giorgio Bárberi Squarotti; tradução de Alessandra Vannucci e Luiz Carlos Bombassaro (Coord.). Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

afirma-se, sem dúvida, como a edição de referência para os estudiosos do pensamento bruniano de língua portuguesa. A qualidade e a segurança da tradução proposta por Luiz Carlos Bombassaro, uma tradução que capta magistralmente a riqueza e, por vezes, a sobreposição de níveis linguísticos e semânticos que tornam tão interessante a análise intertextual da obra de Bruno, bem como a inclusão de uma “introdução” incontornável (na verdade, como veremos, trata-se muito mais que uma “introdução”) de autoria de Miguel Ángel Granada, corroboram a certeza de que estamos diante de uma obra-referência, que conduzirá gerações de pesquisadores no estudo do pensamento de Giordano Bruno.

Escrita em 1584, *A ceia de Cinzas* é uma obra essencial no programa filosófico bruniano. Nela se apresenta uma rica discussão sobre as implicações não apenas cosmológicas, mas, também, epistemológicas, metafísicas e mesmo éticas da proposta heliocêntrica avançada por Copérnico, astrônomo que Bruno considerava superior a todos aqueles que o haviam precedido. Nas palavras do filósofo de Nola,

(...) superior por ter-se libertado de alguns falsos pressupostos, para não dizer da cegueira, da filosofia comum e vulgar. No entanto, ele não se afastou muito dela, porque, ao ser mais estudioso da Matemática que da natureza, não pôde penetrar e aprofundar a ponto de arrancar as raízes de princípios vãos e inconvenientes e, com isso, resolver perfeitamente todas as dificuldades contrárias, libertando-se a si mesmo e aos outros de tantas investigações vãs, a fim de contemplar as coisas constantes e certas. (p. 25).

Para Bruno era necessário, portanto, uma transformação radical que, partindo da proposta de Copérnico, alterasse o conhecimento e a ação do homem. Segundo Bruno, essa transformação seria protagonizada por si e pela sua obra. *A ceia de Cinzas*, procurando ir além de Copérnico, constitui, assim, uma peça nuclear no plano bruniano de refundar a Filosofia, a Teologia e a Ciência.

A ceia de Cinzas tem a forma de um diálogo que se desenrola durante cinco dias entre quatro personagens, entre os quais se destacam Teófilo, apresentado como o “filósofo” e que é, na verdade, o *alter ego* de Bruno, e Prudêncio, o “pedante” que sempre faz eco das posições tradicionais. No diálogo invoca-se um debate que teve lugar muito provavelmente na casa do fidalgo inglês Sir Fulke Greville na Quarta-Feira de Cinzas de 1584, onde se discutiu o sistema copernicano, ainda que nele ecoem, também, acontecimentos ocorridos quando da visita que Bruno fez a Oxford. Em ambas as ocasiões, Bruno expôs contundentemente as suas ideias cosmológicas que, muito sucintamente, preconizam que o universo é infinito e homogêneo, no qual os astros movem-se livremente por um princípio intrínseco – a sua alma – num espaço pleno de ar puro, o éter. Esses astros dividem-se entre aqueles em que predominam o fogo, as estrelas ou sóis e aqueles em que predominam a terra ou a água, os planetas ou terras. Estes giram em torno daqueles, dos seus sóis, formando sistemas planetários diferentes, ainda que equivalentes, e infinitos. A Terra é, portanto, um astro equivalente a outro planeta girando em torno do Sol, defende Bruno de acordo com a proposta heliocêntrica de Copérnico. No caso dos planetas restantes do “nosso” sistema, Bruno, para além de admitir a existência de planetas ainda desconhecidos, defende que estes se dispõem provavelmente num esquema de “planetas consortes”, ou seja, planetas que partilham um epiciclo, assim como, segundo o filósofo de Nola, acontecia com a Terra e a Lua e Mercúrio e Vênus, que formavam dois sistemas de epiciclos em pontos diametralmente opostos da mesma concêntrica. A natureza infinita do universo espelha a infinitude do poder divino. A cosmologia infinitista de Bruno possui, assim, uma forte dimensão metafísica e teológica.

Fruto da complexidade e da natureza refundadora da proposta de Bruno em termos filosóficos, políticos e religiosos bem como da riqueza imagética e do caráter profusamente alegórico da linguagem bruniana, a começar pelo próprio título da obra *A ceia de Cinzas*, este livro tem estado no centro de constantes debates e divergências interpretativas nas últimas décadas. Para uma melhor exegese do texto de Bruno e uma compreensão mais contextualizada no plano dos estudos brunianos, a presente edição inclui um extenso estudo de Miguel Ángel Granada. Professor de História da Filosofia do Renascimento na Universidade de Barcelona, Granada é um dos mais importantes e prestigiados especialistas, em âmbito mundial, do pensamento de Giordano Bruno e da revolução cosmológica do século XVI e início do século XVII, em sua dimensão não apenas cosmológica, mas, também, em suas implicações teológico-religiosas,

antropológicas e políticas.⁵ O fato de Granada não restringir a sua reflexão ao domínio da História da Ciência, mas, antes, partindo de um entendimento particularmente rigoroso dos conteúdos “científicos”, perspectivar o pensamento cosmológico no âmbito mais amplo da História da Filosofia permite-lhe uma compreensão particularmente profunda do significado e alcance das diferentes propostas que emergiram da designada revolução cosmológica dos séculos XVI e XVII. Se tal perspectiva não deixa de ser muito vantajosa em termos da análise histórica do pensamento do Renascimento e da primeira Idade Moderna é especialmente profícua quando se trata do pensamento de um filósofo como Giordano Bruno, em que, como vimos, se estabelece um estreito vínculo entre as diferentes dimensões do pensamento humano, da Cosmologia à Metafísica e Teologia, da Epistemologia à Ética. Um exemplo de este poder interpretativo encontra-se explanado nessa “introdução” à edição brasileira de *A ceia de Cinzas*.

Em seu estudo introdutório (se é que se pode designar de “introdutório” esse estudo extenso – em torno de 130 páginas –, profundo e original em muitos aspectos), Miguel Á. Granada faz uma revisão das principais polêmicas e divergências interpretativas que emergiram, nas últimas décadas, da análise de *A ceia de Cinzas*. Assim, após pontuar o lugar de Bruno no contexto da tradição iluminista que via em Nolano um autor “progressista” (no sentido de “moderno” e “mártir da Ciência moderna”), detém-se na interpretação proposta por Frances A. Yates, em seu célebre livro *Giordano Bruno and the hermetic tradition*, segundo a qual Bruno era basicamente um “mago hermético”, bem como na reação que ela provocou, nomeadamente, em autores como Robert S. Westman, Ernan McMullin e Alfonso Ingegno. Esses autores e, entre eles, de forma particular e melhor articulada, A. Ingegno chamaram a atenção para a necessidade de interpretar a derivação hermética e o copernicanismo de Bruno no seu plano de reforma filosófica, moral e religiosa. Esta polêmica é particularmente significativa para o caso uma vez que se baseia largamente na leitura de *A ceia de Cinzas* e de outro diálogo italiano, o *Spaccio de la bestia trionfante (A expulsão da besta triunfante)*. Neste contexto tem particular relevância a discussão sobre o significado do título *A ceia de Cinzas*, questão analisada, também, na “introdução” de Miguel Granada. Yates havia considerado que o título *Ceia*, aludindo à Eucaristia (Ceia do Senhor), queria significar a superação das controvérsias confessionais a propósito da presença de Cristo no sacramento, unindo católicos e protestantes desavindos. Ingegno, por seu turno, mantendo a referência sacramental, considera que a *Ceia* refere-se provavelmente à ceia das Cinzas do cristianismo e, portanto, quer significar uma nova fase da história da humanidade, da verdadeira religião. Granada, profundo conhecedor da obra e do pensamento bruniano, traz um novo elemento ao debate, a alusão explícita a um salmo penitencial (Salmo 101), para, partindo da exegese dessa passagem no contexto da *Ceia* bruniana, aprofundar a leitura de Ingegno e defender, de forma original, que, nesse livro, Bruno, qual Cristo, pretende dar início a um processo de comunicação da verdadeira Filosofia que conduzirá à “autêntica união com Deus através do conhecimento filosófico da natureza infinita” (p. LXXVI). A teoria de Copérnico é precisamente uma espécie de sinal da profunda transformação que se aproximava e que exigia se completar com a revelação de um universo infinito, uma filosofia por meio da qual se contemplasse intelectualmente a verdade e se fundasse uma nova ordem social, política e religiosa (por ex. p. LXX).

A “introdução” foca, ainda, outros tópicos centrais na leitura de *A ceia de Cinzas*, a saber, a adesão de Bruno ao copernicanismo e o célebre e traumático episódio em que Bruno expôs as suas teorias em Oxford; a presença de Bruno em Londres e sua relação com os episódios descritos nos diálogos da *Ceia*; o lugar dessa obra no conjunto unitário das *Obras italianas* de Bruno; o entendimento que Bruno teve das teorias copernicanas e a sua proposta de ir “muito além de Copérnico”; terminando com uma reflexão sobre a concepção vicissitudinal da história e a reintegração do homem à natureza.

Como foi já mencionado neste texto, a “introdução” que acompanha a edição brasileira de *A ceia de Cinzas* é ilustrativa da competência interpretativa, da profundidade de análise e da originalidade de Miguel Granada. Um exemplo dessa capacidade interpretativa é o exame que faz da célebre discussão de Bruno com os doutores de Oxford, que termina abruptamente por causa de um desacordo na interpretação da posição da Terra em relação à Lua no diagrama copernicano. Os doutores de Oxford, pela voz de Torquato no diálogo bruniano, consideram que a Terra está colocada no deferente concêntrico, sendo o centro do epiciclo que transporta a Lua (e que é, de fato, a posição de Copérnico), ao passo que Bruno coloca a Terra e a Lua no mesmo epiciclo em posições diametralmente opostas, girando ambos os corpos

5 Entre os muitos artigos e estudos que assinou sobre Giordano Bruno e as obras do filósofo de Nola que traduziu, conta-se a *Giordano Bruno. Universo infinito, unión con Dios, perfección del hombre* (Barcelona: Herder, 2002) e *Giordano Bruno y la reivindicación de la Filosofía* (Barcelona: Herder, 2005).

celestes no epiciclo sobre o deferente concêntrico em torno do Sol. Quando confrontado com o diagrama incluído no livro de Copérnico, como vem referido em *A ceia de Cinzas*, “o Nolano se pôs a rir e disse-lhes que aquele ponto [a Terra] não era outra coisa senão a marca do compasso feita ao ser traçado o epiciclo da Terra e da Lua, que é exatamente o mesmo para uma e para outra” (p. 123). Este “erro” de Bruno tem alimentado muita polêmica entre os historiadores. Frances Yates, por exemplo, argumentou que para Bruno o diagrama deveria ser objeto de uma especulação simbólica: “the truth is that for Bruno the Copernican diagram is a hieroglyph, a Hermetic seal hiding potent divine mysteries of which he has penetrated the secret”.⁶ Numa pesquisa muito detalhada e profunda sobre a cosmologia de Bruno no contexto da tradição astronômica do seu tempo, publicada recentemente, Dario Tessicini argumentou que, ao invés do que havia suposto Yates, Bruno estava empenhado em conciliar o diagrama com os movimentos reais dos corpos celestes. Colocando a Terra e a Lua em pontos opostos do mesmo epiciclo, Bruno explicava, assim, as variações do diâmetro aparente do Sol. Na origem desse modelo bruniano de um epiciclo com dois corpos celestes encontrava-se (argumentou com todo o fundamento Tessicini) a leitura que Bruno fez da teoria copernicana em chave pitagórica, associando o Sol com o fogo central e a Lua com uma “outra Terra”, a Antiterra da tradição pitagórica antiga, interpretação que já se encontrava em Averróis e Alberto Magno.⁷ Granada subscreve a interpretação de Tessicini, mas amplia o seu alcance, colocando-a na perspectiva da obra bruniana. Lendo o episódio da interpretação do diagrama copernicano de *A ceia de Cinzas* no contexto das obras brunianas, nos quais pontuam, também, escritos como os *Articuli adversus Peripateticos*, os *Articuli adversus mathematicos* e *De immenso*, torna-se claro que o objetivo de Bruno é a “revisão do *ordo planetarum* copernicano visando à plena restauração da cosmologia pitagórica” (p. CXVII), da qual a *Ceia* é apenas uma etapa inicial. O resultado final ao qual chega Bruno é uma cosmologia que atribui ao Sol um movimento de translação; coloca a Terra e Mercúrio no centro dos respectivos epiciclos, sobre a concêntrica, fazendo da Lua e Vênus, respectivamente, seus satélites; considera, de acordo com tradição pitagórica, Mercúrio e Vênus planetas superiores ao Sol (acima e em conjunção com o Sol, vistos a partir da Terra); admite a possibilidade que os planetas superiores (Marte, Júpiter, Saturno) estejam providos de “planetas consortes”, ainda que desconhecidos, o que equivale a dizer, com uma disposição semelhante aos planetas “inferiores”. Tal síntese permite a Bruno regressar ao diagrama copernicano e explicá-lo plenamente, sem recurso à hipótese de um epiciclo com dois planetas movendo-se em pontos diametralmente opostos. De fato, o movimento do Sol torna desnecessária a disposição da Terra no epiciclo em oposição à Lua, pois tal movimento explica por si as variações do diâmetro aparente do Sol. Granada conclui sua leitura vigorosa afirmando que “na discussão do diagrama copernicano da *Ceia*, está colocado o início de um programa de retorno, mas além de Copérnico, à autêntica e verdadeira cosmologia pitagórica” (p. CXXV).

O estudo assinado por Miguel Ángel Granada, que introduz o leitor lusófono à *Ceia de Cinzas* é, portanto, um bom exemplo da melhor *scholarship* internacional, não apenas sobre o pensamento de Giordano Bruno e de sua relevância no contexto da História da Filosofia e da Ciência, mas da própria revolução cosmológica dos séculos XVI e XVII e da importância de perspectivar tal fenômeno no âmbito filosófico, religioso e político da sua época.

Em resumo, *A ceia de Cinzas* que recentemente saiu dos prelos da Editora da Universidade de Caxias do Sul, numa edição muito cuidada e preparada com todo o zelo acadêmico, com tradução de Luiz Carlos Bombassaro, ao permitir ao leitor de língua portuguesa o contato direto com essa obra bruniana, torna-se, sem margem para dúvidas, uma obra obrigatória para todos os estudiosos lusófonos de Giordano Bruno e do pensamento renascentista e uma edição de referência para os historiadores da Filosofia, da Ciência e da cultura dos Seiscentos e dos Setecentos. Parafrazeando Bombassaro no prefácio ao *Castiçal*, o primeiro dos diálogos italianos de Bruno já publicado há cerca de dois anos,⁸ com a edição das *Obras italianas* em português, supre-se não apenas uma lacuna no âmbito da cultura filosófica no Brasil (e nós acrescentamos: também, em Portugal), como, também, se deseja que ela contribua ativamente para abrir novos horizontes interpretativos ao pensamento do filósofo de Nola. Resta-nos esperar, com ansiedade não disfarçada, pelas publicações em português dos próximos volumes dos diálogos italianos de Giordano Bruno.

6 YATES, Frances A. *Giordano Bruno and the hermetic tradition*. Chigado/Londres: The Chicago University Press, 1964. p. 241.

7 TESSICINI, Dario. *I dintorni dell'infinito*. Giordano Bruno e l'astronomia del Cinquecento. “Bruniana & Campanelliana” sup. XX, studi 9. Pisa/Roma: Fabrizio Serra Editore, 2007. p. 15-58, esp. p. 17-40.

8 Esse prefácio é curiosamente datado de 17 de fevereiro de 2010, exatos quatrocentos e dez anos após a condenação e queima pública de Giordano Bruno no Campo dei Fiori, em Roma (17 de fevereiro de 1600).